

O povo negro no mundo todo se organiza e resiste para sobreviver

Na atualidade podemos perceber cada vez de forma mais nítida que a situação do capitalismo, na sua fase de decomposição imperialista, ataca e destrói a juventude e a classe trabalhadora de maneira gritante, atingindo mais duramente ainda o povo negro.

Nesse processo, a juventude, e em particular a juventude negra, seja nas periferias e favelas de norte a sul do Brasil, nos países africanos como nos bairros negros de Nova Órleans (EUA) ou nas favelas do Haiti, é quem mais sofre na pele as atrocidades do imperialismo.

Os negros que sofrem com a Diáspora desde a época da escravidão. Começou com um verdadeiro seqüestro da força de trabalho do continente africano, o que continuou depois com o saque das matérias-primas e recursos naturais, para terminar agora com a pilhagem no continente africano e o extermínio dos negros em todas as partes do mundo. Podemos perceber na situação atual dos negros na Diáspora, seja dispersos nos EUA, no Caribe ou na América do Sul, onde têm a sua mão de obra descartada por um sistema decadente que destrói as forças produtivas, e só tende a piorar.

Nos EUA, com a realização do Tribunal Internacional Katrina - que condenou a política deliberada de genocídio da população negra dos partidos Democratas e Republicanos - o povo negro avançou no combate ao racismo/imperialismo. Avançou com a candidatura independente de Cynthia McKinney pela coalizão "Poder para o Povo", como impulsionadora da construção do Partido da Reconstrução do povo negro.

A carta do Davi Josué, militante haitiano exilado nos EUA, exigindo de Lula que as tropas brasileiras parem de massacrar o seu povo, nos alerta: não podemos aceitar que o Brasil comande essa absurda ocupação militar da ONU (Minustah) a mando do Imperialismo de Bush.

É inaceitável que o governo Lula, que diz respeitar a autodeterminação dos povos, mantenha as tropas brasileiras esmagando o povo negro haitiano. São quase meio bilhão de reais gastos para oprimir um povo irmão, que poderiam ser usados para a educação da juventude brasileira.

Enquanto isso a situação do Haiti só se deteriora, como podemos ver nas manifestações de rua contra o aumento dos preços dos alimentos, reprimidas pelas forças da Minustah – lutamos pela Retirada das Tropas Brasileiras do Haiti!

Combater o Genocídio da Juventude Negra no Brasil

No Brasil a política de exclusão e massacre da Juventude Negra se perpetua cotidianamente. É inaceitável que o Governo Lula, eleito pela juventude negra e pelos trabalhadores, deixe os jovens negros abandonados e ameaçados cotidianamente pela violência.

A violência que sofremos é cada vez mais trágica, como exemplo em Salvador-BA, cidade com 77% da população negra onde diariamente vemos nos jornais casos de jovens negros que têm as suas vidas brutalmente retirada. Os diversos casos de jovens negros assassinados pela polícia no início de 2008 se amontoam, e a impunidade persiste.

É o caso de nosso camarada Anderson Luis, jovem negro fundador da Internacional Revolucionária da Juventude (IRJ), que até hoje, dois anos após seu assassinato, não teve os assassinos/culpados encontrados pela polícia do Estado do Rio – por isso, exigimos a federalização da apuração do caso pelo governo Lula. Por tudo isso, em defesa da juventude negra, aumenta a necessidade da mais ampla frente única para garantir as nossas reivindicações. Essa é a forma de combater a política de limpeza étnica da nossa juventude!

Vagas para todos nas universidades públicas, cotistas e não-cotistas!

A defesa do acesso de todos os jovens no ensino superior é a única saída para a imensa maioria dos jovens negros terem acesso ao ensino superior.

Com os recursos públicos desviados para as universidades privadas, através do Prouni, por exemplo, se poderia dobrar as vagas nas universidades públicas (mais de 500 mil).

A ampliação das universidades públicas e a transferência de todos os estudantes do Prouni para o sistema público de ensino é a alternativa que temos para que verdadeiramente exista uma democratização no ensino superior público.

É necessário explicar que as políticas de cotas (“ações afirmativas”) não resolvem os problemas dos jovens negros. Pois a maioria dos jovens, principalmente os negros e índios, continuariam fora das universidades com esse sistema.

Porque ao invés de facilitar o acesso para todos os estudantes, só se cria uma válvula de escape e, sobretudo, se tende a dividir os estudantes. Quando defendemos as cotas como solução, na verdade, renunciamos à luta por vagas para todos negros, índios e pobres nas universidades.

Claro, não se criam vagas para todos da noite para o dia. Porém é preciso que o governo Lula sinalize uma verdadeira expansão de vagas, na perspectiva da universalização do ensino (garantia de acesso para todos) com direito ao acesso à universidade pública por todo jovem que terminar o ensino médio.

Recursos para tanto existem, desde que não sejam carreados para pagamento da dívida aos banqueiros, ou para subvenções aos donos de escolas privadas. Com isso defendemos também os nossos diplomas (revogação imediata do REUNI), pois todo jovem negro tem o direito a uma profissão.

Mas a alternativa às cotas não pode ser a defesa do absurdo sistema de seleção, e discriminação, que marginaliza a maioria. Não aceitamos que milhões de jovens sejam excluídos do direito à universidade pela sua cor, nem por suas dificuldades para ultrapassar a nefasta barreira, cada vez mais alta do vestibular. Não queremos escolher entre uns ou outros. Defendemos todos os jovens na universidade.

Convidamos todos os jovens e estudantes negros (cotistas e não-cotistas) para a unidade na luta em defesa de vagas para todos nas universidades públicas.

Lutar ombro a ombro com a Juventude Negra, defender os nossos direitos

Apenas a organização da juventude – e da juventude negra - nos dará condições para resistir e defender os nossos direitos.

Por isso, em cada entidade estudantil, cada Grêmio, DA e CA, DCE e UEE, e a UNE, devem organizar grupos, coordenações e outros espaços para debaterem e intervirem na questão negra.

Não podemos mais aceitar a diferença nos salários e trabalhos entre os negros e brancos, assim como temos que garantir a implementação da história do negro nos currículos escolares.

Por fim, exigimos do Governo Lula a reparação histórica das terras do povo negro quilombola.

Saudações,

Juiz de Fora, 21 de Abril de 2008

1ª Reunião de jovens negros da Juventude Revolução – IRJ

Juventude
REVOLUÇÃO



Contatos: www.juventuderevolucao.org